

“Escola de lata” prejudica alunos

Sônia Faria

Construídas nos anos de 83 e 84, em caráter provisório para permanecer abertas no máximo dois anos, a maioria das 16 escolas de chapas metálicas da Fundação Educacional do DF, conhecidas como “escolas de lata”, continua sendo um dos fatores que contribuem para a queda do nível de aprendizagem escolar. Com pouca ventilação e estruturas deterioradas, que absorvem maior quantidade de calor ou frio — conforme a estação — causando desconforto, as escolas de lata, na opinião de pais, alunos, professores e médicos precisam ser substituídas com urgência por outras de concreto ou tijolos.

“As condições sócio-econômicas desfavoráveis, aliadas aos problemas de desnutrição, fome, verme, calor, víduas despencando, não acompanhamento das tarefas dos estudantes pelos pais e o turno de três horas aula por dia, resultam em um quadro complicado para uma boa aprendizagem”, explica a orientadora pedagógica Maria de Lourdes Oliveira. Ele trabalha na Escola Classe 47, na QNL 20/22, Taguatinga.

A diretora da escola, Graça Lima, lembra que devido às dificuldades encontradas na escola, há dois meses, os professores optaram por paralisar suas atividades.

Ratazanas

Na ocasião, os pisos dos banheiros da escola, construídos de compensado, estavam fofos e com forte mau cheiro. Segundo os professores, “os banheiros se transformaram em ninhos de ratos que começavam a invadir toda a escola”. Graça Lima conta que as ratazanas passavam de uma sala de aula para outra. “A falta de material na escola era outro complicador, visto que não possuímos sequer mais uma folha de papel”, diz. O caos instalado na escola foi divulgado pela imprensa e no dia seguinte a Fundação Educacional ofereceu recursos, construiu novos banheiros e orientou como fazer a desratização no local.

Os professores optaram pela volta ao trabalho, mas ainda enfrentam dificuldades como o perigo das víduas despencando, que já quase “degolaram” uma servidora e uma professora e o forte calor no local. “Aqui o suor pinga mesmo. Depois do lanche das turmas do



Os alunos das “escolas de lata” sofrem com o calor e com as instalações precárias

turno intermediário, que é pesado, algumas crianças dormem em cima das carteiras. É uma tristeza”, diz a professora Maria Bonfim da Cruz. Ela citou ainda outro problema na escola: o trabalho das crianças que, para ajudar a garantir a sobrevivência de suas famílias, vendem doces, guloseimas e engraxam sapatos na rua, chegando sempre atrasadas nas aulas.

Ruim de pensar

O estudante Francisco José da Silva, de 11 anos, aluno da Escola Classe 47, reclama do calor: “Quando está muito quente, fica ruim para pensar. O ar é abafado e a gente não consegue fazer o dever. Precisamos de uma escola de tijolos”. A professora Bernadete Deolinda Souza, que sofreu um acidente na escola, quando tentou abrir a janela e esta despencou na sua cabeça, explica que quando o calor é intenso por causa das estruturas metálicas, os alunos ficam inquietos, pedindo a todo momento para tomar água e sair da sala. “Eles vão lá fora e voltam banhados, com as camisas encharcadas. O melhor é derrubar isso aqui e construir outra escola”.

Calor faz rendimento cair

Adiretora da Divisão de Engenharia da Fundação Educacional do DF, Mara Gomes, reconhece que o rendimento dos alunos que estudam nas escolas de chapas metálicas, conhecidas como “escolas de lata”, é menor porque o material utilizado naquelas construções provoca aumento do calor e a acústica dentro das salas de aula é ruim, principalmente na época das chuvas. Apesar desses inconvenientes, Mara considera a experiência válida.

Ela explica que as 16 escolas de estruturas metálicas ficaram com preços 40% abaixo das escolas convencionais e foram erguidas em tempo recorde. “Não existia outra solução, naqueles anos de 1983 e 1984, para a Fundação Educacional atender a grande demanda de alunos”. Mara informa que todas as escolas construídas com chapas metálicas de containers pré-moldadas serão substituídas por edificações de concreto, também pré-moldadas, em 1991.

Das 16 antigas escolas de estrutura metálica, construídas na gestão da ex-secretária de Educação, Eurides Brito, quatro não mais existem. Elas foram substituídas por escolas novas, de concreto. O restante passará pelo mesmo processo no decorrer de 1991. Mara Gomes adianta que toda estrutura metálica das escolas está sendo aproveitada para construção de depósitos de materiais da Fundação Educacional, no Setor de Indústria e Abastecimento. Atualmente a Fundação está enfrentando grande demanda de alunos necessitando de escolas e dentro de um plano de emergência, ainda este mês, o órgão realiza licitação para construção de 15 escolas pré-moldadas, mas de concreto.

Elas são destinadas a Samambaia, Vila Santa Maria, Planaltina, Paranoá e setor QNQ, próximo a Expansão do Setor “O”, em Ceilândia. As escolas começarão a ser construídas em janeiro próximo e ficarão prontas 45 dias depois.

Chuvas causam choque elétrico

As 16 escolas de chapas metálicas de containers, pré-moldadas, construídas em 1983 e 1984, não passaram por manutenção até 1988, segundo informações do Departamento de Engenharia da Fundação Educacional, por falta de recursos. Com o surgimento das ferrugens e apodrecimento dos pisos, começaram os problemas de choques elétricos, na época das chuvas, e aparecimento de ratos. Em 1989 e 1990, quase todas passaram por uma reforma provisória até que possam ser finalmente substituídas por escolas pré-moldadas de concreto.

Ainda esta semana, uma servidora da Escola Classe 01, da Vila Paranoá, de estrutura metálica, levou um choque quando lavava as dependências do local. Esse, inclusive, é o maior medo da dona-de-casa de Taguatinga, Joana Maria de Jesus, mãe de dois filhos que estudam na Escola Classe 47, daquele satélite. “Quando chove, fico preocupada com a possibilidade de meus filhos levarem choques na escola”, ressalta.

Outra mãe de aluno, Antônia Cristina Miranda, residente no Paranoá, lembra que precisa levar o bebê de colo, quando vai às reuniões dos pais feitas na escola local.

Falta d’água

A professora Laura Cristina Corrêa da Costa, do Ciclo Básico de Alfabetização da Escola Classe 01 da Vila Paranoá, explica que o problema do calor na escola é agravado pela falta de água, já que a bomba instalada ali nem sempre funciona. “Eles passam mal com o calor, sentem vômitos, dor-de-cabeça e até febre e não têm água para tomar”.

Laura trabalha com alunos com quatro anos de escolaridade, que só agora estão começando a aprender a ler e a escrever. A reportagem do JBr visitou esta semana duas outras escolas de estruturas metálicas. Os problemas de proliferação de ratos e prejuízos na aprendizagem por causa do calor foram detectados no Centro de Ensino número 1, de Ceilândia, conforme matéria publicada na edição do último dia seis deste jornal. (S.F.)

Médica do Paranoá recomenda líquidos

O Centro de Saúde da Vila Paranoá, que fica em frente à Escola Classe 01, construída de estrutura metálica, não recebeu nenhum aluno este ano com problemas de saúde provocados por internação (calor excessivo dentro de ambiente fechado). A diretora do Centro, a médica Maria Ângela Artiaga, no entanto, explica que temperaturas altas dentro de um ambiente, dificultam o raciocínio de qualquer pessoa.

“Com forte calor, a sudorese e o gasto de energia são maiores. Para facilitar a aprendizagem é necessário ar fresco, boa ventilação. O problema do calor pode ser amenizado com muito líquido, não exposição ao sol e roupas frescas”, ressalta. Maria Ângela lembra que até mesmo uma paisagem alegre em volta da escola ajuda o ambiente e consequentemente a aprendizagem. Em geral, não é esse o cenário em torno das escolas de lata. (S.F.)

Onze ainda funcionam

Das 16 escolas construídas com chapas metálicas pré-moldadas, 11 ainda continuam funcionando. São elas:

- Escola-classe 1, na Barragem do Paranoá, Vila Paranoá
- Escola-classe 48, na QNL 28/30, Área Especial, 27, Taguatinga
- Escola-classe 47, na QNL 22, Área Especial 24, Taguatinga
- Escola-classe 7, na QE-38, Área Especial 12, lote A, Guará II
- Escola-classe Rodeador, na DF/95, via Estrutural, próxima ao Texas Clube, em Ceilândia
- Centro de Ensino 1, na quadra 36, Área Especial 3, Vila São José, Ceilândia
- Escola-classe Brochado da Rocha, no Eixo Norte, BR-020, Sobradinho
- Escola-classe Ponte Alta do Bairro, na Epia, Setor Sul, na DF/290, Gama
- Escola-classe Boa Esperança, na DF/95, via Estrutural, Taguatinga
- Escola-Queima Lençol, no Eixo Norte, Sobradinho, próxima à fábrica Fercal
- Escola Buriti Vermelho, no Eixo Norte, Paranoá, no cruzamento da DF/100 com a DF/21, em Planaltina
- Escola-classe Samambaia, na rodovia Brasília/GO (Será substituída já no início do próximo ano).

Escolas de lata que já formam substituídas:

- Escola-classe Gesner Teixeira, na Avenida Central do Gama
- Escola-classe da Zoobotânia, na Candangolândia
- Centro de Ensino número 2, na Candangolândia
- Escola-classe Mestre Darmas, Vale do Amanhecer, Planaltina